

NARRATIVAS DOS MASSACRES E OS "DOIS LADOS" DA GUERRA NO FANTÁSTICO: UM ESTUDO SOBRE A COBERTURA DO CONFLITO ISRAEL HAMAS EM OUTUBRO DE 2023

Professor orientador: Luiz Claudio Ferreira

Aluna: Amanda de Menezes Canellas

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 10 Nº 1- JAN/DEZ
2024



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

AMANDA DE MENEZES CANELLAS

**NARRATIVAS DOS MASSACRES E OS "DOIS LADOS" DA GUERRA NO
FANTÁSTICO: UM ESTUDO SOBRE A COBERTURA DO CONFLITO
ISRAELHAMAS EM OUTUBRO DE 2023**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pesquisa e Extensão.

Orientação: Luiz Claudio Ferreira

**BRASÍLIA
2025**

AGRADECIMENTOS

A entrega deste trabalho só foi possível pelo apoio constante da minha família e amigos, pelo suporte do meu orientador Luiz Claudio Ferreira e pelo companheirismo de sempre da minha parceira de vida, Samanta Lopes. Agradeço a todos que me ajudaram a concluir essa etapa tão desafiadora.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar como o programa Fantástico, da TV Globo, retratou o conflito entre Hamas e Israel no mês de outubro de 2023, investigando se houve parcialidade na construção da narrativa. Foram observados inicialmente 33 vídeos (entre notícias e reportagens) veiculados na atração jornalística, somando-se todos os domingos, dia em que o Fantástico foi ao ar no período da amostra. De todos esses materiais foram utilizadas como critério de exclusão reportagens com tempo inferior a 5 minutos, assim totalizando 22 reportagens (que são aqueles conteúdos mais aprofundados do que as notícias). Optamos por uma metodologia de análise de conteúdo a fim de utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo das mensagens, permitindo uma leitura crítica dos discursos veiculados na mídia, no caso as narrativas jornalísticas. A partir dessa lógica, passamos a analisar sistematicamente cada um dos conteúdos, observando os seguintes passos; descrição da reportagem; fontes de informação; as fontes e a valência atribuída; as versões dos dois lados da história e os principais termos utilizados e quais termos foram utilizados para atribuir cada perspectiva; o tempo para cada lado; a passagem do repórter, e comentários sobre as imagens impactantes. Um dos principais achados diz respeito à prevalência de fontes vinculadas ao governo israelense e seus aliados ocidentais, conferindo menor espaço e menor credibilidade às fontes palestinas. Tal assimetria pode impactar diretamente a percepção do público sobre o conflito, reforçando a centralidade da dor israelense e marginalizando o sofrimento da população palestina.

Palavras-chave: telejornalismo; cobertura de guerra; Fantástico.

SUMÁRIO

1	Introdução	7
2	Fundamentação teórica	11
3	Método	15
3.1	Análise categorial	19
3.1.1	Pré-análise	20
3.1.2	Exploração do material	20
3.1.3	Tratamento dos resultados	20
3.2	Análise de avaliação (valência)	20
4	Resultados e discussão	21
4.1	Descrição do material	23
4.2	Fontes de informação	24
4.3	As fontes e a valência atribuída	26
4.4	Tempo para cada lado	27
4.5	Passagem do repórter	28
4.6	Imagens impactantes	30
5	Considerações finais	33
	REFERÊNCIAS	35

1 Introdução

O conflito entre Israel e Palestina, um dos mais longos e polarizadores do século XX e XXI, não é apenas uma disputa territorial, mas também simbólica, histórica e comunicacional. Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, após a partilha da Palestina pela Organização das Nações Unidas, a região tornou-se palco de embates políticos e militares contínuos, agravados por desigualdades econômicas, ocupações ilegais e intervenções internacionais.

A expulsão e o deslocamento forçado de centenas de milhares de palestinos durante a Nakba (catástrofe, em árabe), somada ao avanço das colônias israelenses, contribuíram para consolidar uma estrutura de violência permanente, marcada por ofensivas militares cíclicas, destruição de infraestrutura e violações aos direitos humanos.

De acordo com Said (2011), a questão da Palestina é um exemplo trágico de como o colonialismo e a negação do outro operam de forma sistemática, inclusive por meio da linguagem e das representações na mídia internacional.

Em outubro de 2023, o mundo voltou sua atenção à Faixa de Gaza após o ataque do grupo Hamas ao território israelense, resultando na morte de civis, sequestros e retaliações militares severas por parte do exército de Israel.

O episódio reacendeu discussões sobre a proporcionalidade da resposta israelense e a persistência do bloqueio humanitário à Gaza, classificado por especialistas como uma forma de punição coletiva.

Estudo recente publicado na *Conflict & Health* (ASI et al., 2024) revelou que, entre 7 de outubro e 22 de novembro de 2023, hospitais, escolas e sistemas de abastecimento foram danificados em larga escala, comprometendo a sobrevivência da população civil.

Ao mesmo tempo, análises como a de Audeh (2024) apontam que o objetivo do Estado de Israel, nesse contexto, tem sido tornar Gaza “inabitável”, enfraquecendo as bases sociais e físicas de resistência da população palestina.

Diante da complexidade e das dimensões humanitárias do conflito, a forma como ele é narrado pelos meios de comunicação ganha importância central.

O jornalismo, ao decidir o que mostrar, como mostrar e de que ponto de vista abordar um evento, cumpre não apenas uma função informativa, mas também política e simbólica.

Como afirma Traquina (2005), as notícias não são simples reflexos da realidade, mas construções discursivas, influenciadas por rotinas produtivas, interesses editoriais e sistemas de poder.

Nesse sentido, as narrativas jornalísticas sobre a guerra entre Israel e Hamas devem ser analisadas criticamente, levando em conta o enquadramento dado às fontes, o tempo de fala concedido a cada lado, o tipo de linguagem utilizada e o papel desempenhado pelos repórteres nas reportagens.

A televisão, nesse contexto, continua sendo o principal veículo de informação para a maioria da população brasileira.

Dados do IBGE (2022) apontam que 94,9% dos domicílios no país possuem ao menos um aparelho de televisão, enquanto o acesso à internet alcança 91,5% dos lares. Entre os programas de maior audiência e repercussão nacional está o *Fantástico*, exibido semanalmente pela TV Globo.

Com formato de revista eletrônica, o programa dedica-se a reportagens especiais e aprofundadas, tratando de temas variados, incluindo política internacional, catástrofes e guerras. Essa estrutura narrativa, mais elaborada, com uso de trilha sonora, passagens do repórter, efeitos visuais e depoimentos emocionais, permite uma

construção mais subjetiva das notícias, o que pode favorecer tanto a humanização da informação quanto a parcialidade editorial.

No dia seguinte ao ataque de 7 de outubro, o *Fantástico* dedicou cerca de 50 minutos de sua programação ao conflito, distribuídos em oito reportagens e três *links*. As matérias apresentaram cenas de destruição, depoimentos de civis, análises de especialistas e falas de autoridades, em sua maioria israelenses. A presença de correspondentes internacionais, como Paola de Orte (em Tel Aviv) e Sandra Coutinho (em Nova York), também marcou a cobertura. Entretanto, observou-se, de forma recorrente, uma assimetria entre as representações de israelenses e palestinos: enquanto os primeiros foram majoritariamente retratados em situações de sofrimento legítimo, com exposição de nomes, rostos e histórias pessoais, os palestinos foram, em muitos casos, representados de forma coletiva e distante, com escassez de falas em *on* e uma quantidade pequena de autoridades ou especialistas ligados à causa palestina.

Essa constatação inicial, observada no mapeamento das reportagens, levanta questionamentos sobre a imparcialidade do programa diante de um tema sensível, que exige equilíbrio informativo e diversidade de vozes. Como destaca João Batista Natali (2004), a história do jornalismo internacional é, muitas vezes, a história contada pelos “vencedores”.

Isso significa que, sem um olhar crítico e atento às estruturas de poder, a mídia tende a reforçar narrativas dominantes, apagando ou estigmatizando sujeitos subalternos.

Quando aplicada à cobertura de conflitos armados, essa lógica pode resultar em representações que desumanizam certos grupos ou justificam, de forma implícita, ações violentas.

A presente pesquisa parte da hipótese de que a cobertura do *Fantástico* sobre os eventos ocorridos em outubro de 2023 pendeu para uma perspectiva favorável ao governo israelense, em detrimento de uma abordagem mais equitativa entre os lados

envolvidos. Com base em uma análise qualitativa de conteúdo, serão examinados elementos como: tempo de fala de fontes israelenses e palestinas; valência atribuída a essas falas; posicionamento do repórter; presença de imagens impactantes e o lado com que se associam; uso de *offs* e sonoras; e presença de passagens emocionais. Essa investigação busca, assim, contribuir para o debate sobre ética jornalística, responsabilidade editorial e os limites da objetividade na cobertura de conflitos internacionais.

Diante disso, o objetivo principal deste estudo é analisar como o programa *Fantástico*, da TV Globo, retratou o conflito entre Hamas e Israel no mês de outubro de 2023, investigando se houve parcialidade na construção da narrativa. Como objetivo secundário, busca-se identificar se a cobertura ofereceu espaço equitativo às perspectivas israelense e palestina, considerando a pluralidade de fontes, a linguagem empregada e a participação dos repórteres na elaboração das matérias.

2 Fundamentação teórica

A televisão, como meio de comunicação de massa, exerce papel central na construção de sentidos sobre a realidade social, sobretudo em contextos de conflito. Conforme argumenta Mauro Wolf (2003), os meios de comunicação de massa não apenas transmitem informações, mas modelam percepções, moldam a experiência cotidiana e interferem na formação da opinião pública.

Para o autor, a televisão possui um “poder simbólico” que vai além da simples função informativa: ela participa ativamente da construção da realidade ao selecionar, organizar e apresentar os acontecimentos de determinada maneira.

Essa mediação se torna ainda mais significativa quando o conteúdo veiculado trata de eventos violentos, como guerras ou atentados, pois mobiliza emoções, valores e julgamentos morais.

No caso do jornalismo televisivo, especialmente em programas como o Fantástico, o conteúdo assume características específicas, que misturam informação com elementos narrativos do entretenimento. Como apontam Gisela Ortriwano (1985) e Cremilda Medina (1986), o telejornalismo opera com uma linguagem audiovisual que combina texto, imagem, som e ritmo, o que influencia diretamente a construção da notícia e sua recepção pelo público. Recursos como a narração em *off*, sonoras emocionais, trilhas sonoras, imagens de impacto e passagens do repórter são ferramentas utilizadas não apenas para informar, mas também para envolver afetivamente o telespectador. Bistane e Bacellar (2005) reforçam que a lógica do telejornalismo está baseada em um modelo de produção que prioriza o espetáculo e o impacto visual, fatores que tensionam ainda mais os critérios tradicionais de objetividade.

Nesse sentido, o compromisso com a objetividade e a imparcialidade, que são os princípios clássicos do jornalismo, é frequentemente negligenciado. Para Miguel e Biroli (2007), a imparcialidade é uma construção discursiva que cria a aparência de neutralidade, mas frequentemente oculta interesses hegemônicos e limita a

pluralidade de vozes. Isso é especialmente problemático em contextos de conflitos armados, onde narrativas dominantes moldam a percepção pública. Os autores defendem que a imparcialidade deve ser entendida como um conceito situado, que evita o falso equilíbrio e reconhece as desigualdades presentes na produção jornalística.

Nelson Traquina (2005) também chama atenção para o fato de que o jornalismo, ao relatar o mundo, o reconstrói a partir de filtros sociais, institucionais e culturais. Não se trata, portanto, de uma mera transcrição dos fatos, mas de uma seleção que envolve decisões editoriais sobre o que será mostrado, como será mostrado e quem terá voz. Essa construção se reflete, sobretudo, na escolha das fontes utilizadas pelas reportagens. Como destaca Lorenzo Gomis (1991), as fontes não apenas fornecem dados: elas legitimam a narrativa jornalística. Assim, quem é ouvido, por quanto tempo, em que posição da matéria e com que tipo de valoração são aspectos essenciais para entender a orientação ideológica e editorial de um telejornal. Benetti e Fonseca (2021) também ressaltam que a seleção e o enquadramento das fontes revelam estratégias discursivas que reforçam determinadas perspectivas em detrimento de outras.

A fim de aprofundar essa análise, esta pesquisa organiza as fontes jornalísticas em uma tipologia própria, composta por: oficial, oficiosa, testemunhal, especializada, secundária, internacional, nacional e local. Essa classificação permite identificar a diversidade (ou falta dela) nas vozes apresentadas, bem como os níveis de credibilidade, emoção ou autoridade atribuídos a cada tipo de depoimento. Além disso, emprega-se o conceito de valência da fonte — positiva, negativa ou neutra — como instrumento para avaliar de que modo o telejornal atribui sentido à fala de cada fonte e como isso contribui para reforçar ou questionar determinadas narrativas sobre o conflito. Baldin e Ramos (2023), ao discutirem a cobertura da mídia sobre o conflito Israel-Palestina, apontam que a repetição de enquadramentos assimétricos tende a naturalizar certas narrativas e silenciar outras vozes.

No contexto da cobertura internacional, Natali (2008) lembra que o jornalismo, ao lidar com eventos distantes geograficamente e culturalmente, tende a recorrer a narrativas simplificadas e simbólicas para facilitar a compreensão do público. Essa tendência contribui para reforçar estereótipos e obscurecer os fatores históricos e políticos que envolvem os conflitos. George Orwell (2003), ao refletir sobre o papel do jornalista em tempos de guerra, afirma que “jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique; o resto é publicidade”. Essa frase reforça o caráter político da atividade jornalística e evidencia a importância da crítica às escolhas editoriais.

Ainda sobre a dimensão simbólica da guerra, Visacro (2018) discute como os conflitos contemporâneos são mediados pela informação e como os meios de comunicação tornam-se campo estratégico de disputa. A guerra informacional, segundo ele, não se limita ao *front* físico, mas se estende aos discursos que ganham espaço nos meios de comunicação, influenciando percepções públicas e legitimando ações militares.

Para conduzir essa investigação, utiliza-se o método da Análise de Conteúdo, segundo a proposta de Laurence Bardin (2011), que se mostra adequada para interpretar materiais comunicacionais com base em categorias sistematizadas. Entre as três fases indicadas pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados; a pesquisa dá ênfase à análise categorial e à análise de avaliação. A análise categorial consiste na classificação de unidades de registro em categorias temáticas ou descritivas, permitindo agrupar dados como o tipo de fonte, a duração das falas, a presença do repórter e o tipo de imagem utilizada. Já a análise de avaliação busca identificar a presença de julgamentos, avaliações e posicionamentos, mesmo quando implícitos, tanto nas falas das fontes quanto nas construções narrativas do telejornal.

Segundo Bardin, a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receptividade destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 47). Essa metodologia se

mostra particularmente útil para examinar as camadas discursivas que atravessam o jornalismo televisivo, permitindo evidenciar formas sutis de parcialidade, como o enquadramento de certas vítimas como legítimas e de outras como ameaças.

Dessa forma, esta fundamentação teórica apoia-se na articulação entre os estudos sobre os meios de comunicação de massa, as especificidades do telejornalismo, os princípios e limitações da imparcialidade jornalística, a tipologia e valência das fontes e, por fim, os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo. Essa base fornece os instrumentos necessários para examinar criticamente a cobertura do Fantástico sobre o conflito Israel-Hamas, buscando compreender os sentidos produzidos, as ausências narrativas e os posicionamentos sutis expressos ao longo das reportagens exibidas.

3 Método

Tendo em vista que o objetivo principal desta pesquisa é analisar matérias veiculadas no programa em formato de revista eletrônica *Fantástico* pela emissora TV Globo, em outubro de 2023, referentes ao conflito Israel-Hamas que se escalou a partir do dia 8 de outubro, a fim de identificar o teor do conteúdo e quais as fontes de informação a que recorreu, recorreremos à estratégia de análise documental das notícias veiculadas.

Em primeiro lugar, temos que a amostra é constituída por quatro programas que foram ao ar ao longo de outubro, das quais se dividem em 33 produtos jornalísticos:

1. **Israel responde a ataques terroristas do Hamas e bombardeia a Faixa de Gaza;** Autor: Murilo Salviano (Londres); Data: 08.10.2023; Horário: 20h31; tempo: 5 minutos e 52s.
2. **Terror na rave: 'Eram só jovens numa festa (...) Do nada, pessoas que querem morte interrompem isso', diz brasileiro em Israel;** Autor: Pedro Vedova (Rio de Janeiro); Data: 08.10.2023; Horário: 20h38; tempo: 8 minutos e 35s.
3. **Parentes de desaparecidos em Israel cobram respostas do governo;** Autora: Paola de Orte (Tel Aviv); Data: 08.10.2023; Horário: 20h46; tempo: 6 minutos 55s.
4. **Domingo, primeiro dia útil da semana em Israel, tem ruas mais vazias;** Autora: Paola de Orte (Tel Aviv); Data: 08.10.2023; Horário: 20h53; tempo: 1 minuto 47s.
5. **Brasileiros relatam medo diante do clima de guerra em Israel;** Autor: Renato Biazzi (São Paulo); Data: 08.10.2023; Horário: 20h54; tempo: 3 minutos 33s.
6. **Governo inicia operação para repatriar brasileiros na zona de conflito entre Israel e o Hamas;** Autor: Cláudia Bomtempo (Brasília); Data: 08.10.2023; Horário: 20h58; tempo: 2 minutos 16s.

7. **Conselho de Segurança da ONU teve uma reunião de emergência pra discutir a crise no Oriente Médio**; Autor: Sandra Coutinho (Nova Iorque); Data: 08.10.2023; Horário: 21h00; tempo: 8 minutos 13 segundos.

8. **Repórter Renata Capucci entra no túnel construído pelo Hezbollah para atacar Israel**; Autor: Renata Capucci (Túnel Shtula, Israel); Data: 08.10.2023; Horário: 21h09; tempo: 3 minutos e 39 segundos.

9. **Hamas tem obtido ajuda do Irã e também de fontes inesperadas para armas**; Autor: Estevan Muniz (Rio de Janeiro); Data: 08.10.2023; Horário: 21h13; tempo: 6 minutos.

10. **Israel está atônito com os ataques do Hamas e persiste na busca para neutralizar os integrantes**; Autor: Guga Chacra (Nova Iorque); Data: 08.10.2023; Horário: 21h19; tempo: 2 minutos.

11. **Irã ajudou a planejar ataque contra Israel, diz Wall Street Journal**; Autor: Sandra Coutinho (Nova Iorque); Data: 8.10.2023; Horário: 22h56; tempo: 1 minuto e 12 segundos.

12. **Mortos em Gaza chegam a 2,7 mil; em Israel, ataque de terroristas do Hamas matou 1,4 mil**; Autor: Paola de Orte (Tel Aviv); Data: 15.10.2023; Horário: 20h31; tempo: 09 minutos 30 segundos.

13. **'No momento, quem come ovo frito é como se fosse a um restaurante de cinco estrelas', diz morador de Gaza que viveu 16 anos no Brasil**; Autor: Álvaro Pereira Júnior (-); Data: 15.10.2023; Horário: 20h41; tempo: 8 minutos 20s.

14. **'Minha filha vai voltar pra casa', diz mãe de desaparecida em Gaza**; Autor: Renata Ceribelli (Rio de Janeiro); Data: 15.10.2023; Horário: 20h50; tempo: 8 minutos 23 segundos.

15. **Fantástico entrevista ativista israelense responsável por negociar soltura de refém com o Hamas em 2011**; Autor: Felipe Santana (Nova Iorque); Data: 15.10.2023; Horário: 20h59; tempo: 7 minutos 10 segundos.

16. **Governo ainda tenta retirar brasileiros que estão em Gaza**; Autor: Júlio Mósquera (Brasília); Data: 15.10.2023; Horário: 21h06; tempo: 5 minutos 40 segundos.

17. **Desde o início da guerra, o governo já resgatou mais de 900 pessoas em voos feitos pela FAB**; Autor: Bette Lucchese (Rio de Janeiro); Data: 15.10.2023; Horário: 21h12; tempo: 2 minutos 35 segundos.

18. **Os EUA fazem esforço diplomático para conseguir abrir um corredor de ajuda humanitária em Gaza**; Autor: Jorge Pontual (Nova Iorque); Data: 15.10.2023; Horário: 21h15; tempo: 3 minutos 5s.

19. **O Papa Francisco reza pelas vítimas do conflito entre Israel e Hamas e pede a criação de corredor de ajuda humanitária em Gaza**; Autor: Murilo Salviano (Londres); Data: 15.10.2023; Horário: 21h18; tempo: 2 minutos 45 segundos.

20. **De repente, estourou uma bomba: pai de Alok narra ataque do Hamas a rave em Israel**; Autor: Renata Capucci (Rio de Janeiro); Data: 15.10.2023; Horário: 21h26; tempo: 8 minutos 15s.

21. **Guerra em Gaza: especialistas apontam desafios de Israel no combate por terra contra o Hamas**; Autor: Sônia Bridi (Rio de Janeiro); Data: 15.10.2023; Horário: 21h35; tempo: 10 minutos 05s.

22. **Passa de 6 mil número de mortos na guerra entre Israel e Hamas**; Autor: Bianca Rothier (Genebra); Data: 22.10.2023; Horário: 20h36; tempo: 6 minutos 10 segundos.

23. **Ortopedista descreve rotina de cirurgias em Gaza em meio a preocupação com a segurança;** Autor: Álvaro Pereira Júnior (-); Data: 22.10.2023; Horário: 20h43; tempo: 7 minutos 30 segundos.

24. **A angústia dos brasileiros na Faixa de Gaza;** Autor: Júlia Zaremba (São Paulo); Data: 22.10.2023; Horário: 20h51; tempo: 5 minutos 35 segundos.

25. **Sobrevivente do ataque à rave conta como fugiu depois de baleada;** Autor: Gabriel Chaim e Maju Coutinho e Álvaro Pereira Júnior (Rio de Janeiro) Data: 22.10.2023; Horário: 20h57; tempo: 9 minutos 45 segundos.

26. **General da reserva do exército israelense salvou jovens de festa rave de ataque;** Autor: Paola de Orte (Tel Aviv e Re'im); Data: 22.10.2023; Horário: 21h07; tempo: 5 minutos e 50 segundos.

27. **Rede de túneis subterrâneos é uma das estratégias do Hamas em Gaza;** Autor: Renata Capucci (Rio de Janeiro); Data: 22.10.2023; Horário: 21h13; tempo: 5 minutos e 15 segundos.

28. **Papa pede o fim da guerra entre Israel e Hamas;** Autor: Felipe Santana (Nova Iorque); Data: 22.10.2023; Horário: 21h18; tempo: 1 minuto e 50 segundos.

29. **Depois da incursão por terra, Israel amplia operações em Gaza para combater o Hamas;** Autor: Paola de Orte (Sderot e Tel Aviv); Data: 29.10.2023; Horário: 20h31; tempo: 6 minutos e 55 segundos.

30. **Brasileiros em Gaza estão com dificuldade para encontrar água e comida;** Autor: Júlia Zaremba (Rio de Janeiro); Data: 29.10.2023; Horário: 20h38; tempo: 5 minutos 36 segundos.

31. **Joe Biden pede para que Netanyahu proteja os civis em Gaza;** Nota seca

32. **Voluntários e militares visitam regiões atacadas pelo Hamas em Israel;** Autor: Gabriel Chaim e Maju Coutinho e Poliana Abritta (Be’eri; Fronteira de Gaza com Israel); Data: 29.10.2023; Horário: 20h45; tempo: 6 minutos.

33. **"Têm medo de dormir, tentam ficar acordadas". Psicólogos relatam impacto da guerra na saúde mental de crianças em Israel e na Faixa de Gaza;** Autor: Álvaro Pereira Júnior (-); Data: 29.10.2023; Horário: 20h53; tempo: 5 minutos 10 segundos.

Dessas 33 reportagens foram utilizadas como critério de exclusão reportagens com tempo inferior a 5 minutos, assim totalizando 22 reportagens. A ideia de restringir as matérias pelo tempo de reportagem e no período do mês de outubro de 2023 tem relação com a viabilidade do estudo e ao procurar entender quais foram as prioridades do programa de televisão com os fatos em acontecimento e as repercussões deles.

A partir dessa seleção de programas que foram ao ar, iremos seguir os procedimentos de análise de conteúdo conforme sistematizada por Laurence Bardin (1977). Essa metodologia consiste em um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo das mensagens, permitindo uma leitura crítica dos discursos veiculados na mídia.

“A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens.” (Bardin, 1977, p.45)

A análise será conduzida em duas frentes complementares: análise categorial (ou temática) e análise de avaliação (ou valência). A primeira será o eixo principal do estudo, enquanto a segunda funcionará como um aprofundamento voltado à detecção de posicionamentos valorativos nas reportagens.

3.1. Análise Categorial

A análise categorial permite a decomposição do conteúdo jornalístico em unidades temáticas significativas, que serão classificadas a partir da presença e da frequência de certos temas nas reportagens. Essa abordagem possibilita a identificação de padrões de destaque, omissões e recorrência de enfoques sobre os acontecimentos. Conforme propõe Bardin (1977), o procedimento se estrutura em três fases: Pré-análise; Exploração do material; Tratamento dos resultados.

3.1.1. Pré-Análise

Nessa etapa inicial, será feita a seleção das reportagens do **Fantástico** que abordam o conflito Israel-Hamas em outubro de 2023. Os vídeos serão transcritos integralmente para facilitar a sistematização e análise textual. Também serão definidos os objetivos da análise e elaboradas categorias preliminares com base na leitura flutuante do material.

3.1.2. Exploração Do Material

A partir das transcrições, serão criadas categorias temáticas com base nos temas mais recorrentes, tais como: “ataques militares”, “vítimas civis”, “terrorismo”, “diplomacia”, “ações humanitárias”, “posicionamentos oficiais” e “protestos internacionais”. Será realizada a contagem da frequência dessas categorias e uma descrição qualitativa do modo como são apresentadas.

3.1.3. Tratamento Dos Resultados

Os dados coletados serão organizados em quadros comparativos, permitindo a identificação de quais temas tiveram mais ou menos visibilidade. Também serão feitas inferências quanto à construção narrativa das reportagens e os possíveis enquadramentos editoriais predominantes.

A partir da análise feita com essa estrutura em fases, cada material será avaliado em categorias objetivas possibilitando atingir o propósito da pesquisa.

3.2. Análise De Avaliação (Valência)

Para avaliar a carga valorativa atribuída aos atores envolvidos — principalmente Israel, Hamas e civis palestinos — será realizada uma análise de valência. Este método busca identificar os juízos implícitos ou explícitos presentes nas reportagens, observando a linguagem utilizada (adjetivos, metáforas, tom da locução), os enquadramentos visuais (seleção de imagens) e a organização dos fatos (ordem de apresentação, tempo de exposição).

Cada trecho será classificado com base em sua valência: Positiva (quando favorecer ou eximir o ator de responsabilidade); Negativa (quando criticar, acusar ou deslegitimar o ator); Neutra (quando informar de forma objetiva ou equilibrada).

O cruzamento desta valência com os temas abordados permitirá observar a existência de padrões de favorecimento ou crítica sistemática a um dos lados do conflito. Dessa forma, será possível inferir se o programa tende à imparcialidade ou adota determinado viés editorial.

A partir dessa lógica, passaremos a analisar sistematicamente cada um dos textos, observando os seguintes passos:

- Descrição da reportagem - inclui números de sonoras, números de *offs*, números de *sobe sons* e o número de passagens;
- Fontes de informação - Quais as fontes (em *on* e *off*) de informação são utilizadas na matéria? Serão aqui trazidas os nomes dos informantes e a classificação dessas fontes;
- As fontes e a valência atribuída - Há versões dos dois lados da história? Quais são os principais termos utilizados? Quais termos foram utilizados para atribuir cada perspectiva?;
- Tempo para cada lado - Quanto tempo é dedicado para cada um desses lados da história? Demonstra uma parcialidade?;
- Passagem do repórter - A passagem dos repórteres toma partido? É imparcial ou não?;

- **Imagens impactantes** - Quais as imagens mais impactantes atribuídas nas reportagens (de explosões e fatalidades em decorrência do conflito armado)? A qual lado essas imagens estão vinculadas?;

Itens	Elemento de Análise	Categoria / Tipo	Anotações e Evidências
1	Descrição Técnica da Reportagem		
2	Fontes de informação		
3	As fontes e a valência atribuída		
4	Tempo para cada lado		
5	Passagem do repórter		
6	Imagens impactantes		

4 Resultados e discussão

A partir das definições sobre as estratégias metodológicas expostas no capítulo anterior, passamos, a seguir, a trazer as observações sobre cada uma das reportagens televisionadas pela emissora TV Globo no programa **Fantástico** no período de amostra, com duração acima de 5 minutos. As matérias são observadas seguindo a cronologia nas quais foram ao ar.

As matérias relatam os conflitos de acordo em que eles ocorrem e escalonam ao longo do mês de outubro. O primeiro dia de combate direto foi marcado por reportagens que exploram a perspectiva dos envolvidos armados, autoridades e civis. A partir dos dias que passam, as matérias mudam de tom em que o conflito escala de tamanho e de destruição.

As matérias podem ser localizadas na plataforma de streaming da emissora, o **Globoplay**, em formato do programa na íntegra e de trechos intitulados “melhores momentos”, que são os cortes referentes a cada reportagem. Todas podem ser encontradas nos trechos, acompanhadas do título e um texto descritivo breve sobre o que se discute na matéria.

4.1 Descrição da reportagem

As reportagens analisadas foram ao ar no programa entre os dias 8 a 29 de outubro de 2023. Na descrição de cada reportagem, observamos um padrão em média de 1 passagem, 8 *offs*, 7 sonoras e 7 sobesom por reportagem. Dentre a peculiaridade de cada matéria, algumas também utilizam de artifícios telejornalísticos como *links* (entradas ao vivo do repórter), nota seca, artes de mapas, postagens de redes sociais e documentos.

As assinaturas em cada reportagem variaram entre repórteres (Pedro Vedova, Estevan Muniz, Álvaro Pereira Júnior, Renata Ceribelli, Júlio Mósquera, Renata Capucci, Sônia Bridi e Júlia Zaremba), correspondentes internacionais (Murilo Salviano, Paola de Orte, Sandra Coutinho, Felipe Santana e Bianca Rothier) e o correspondente especial Gabriel Chaim. As matérias foram feitas em diferentes localidades nacionais (Rio de Janeiro, Brasília

e São Paulo), internacionais (Londres, Nova York, Genebra) e em locais próximos ao conflito (Tel Aviv, Jerusalém, Re'im e Sderot).

Os créditos por reportagem variam, tendo somente três que não creditam nada além dos repórteres durante as passagens. As categorias que recebem créditos normalmente diversificam entre edição, imagens, produção, arte e áudio, com algumas exceções como pesquisa, auxiliares, pesquisa de acervo, tradução hebraica e apoio.

Por fim, todas as pautas das reportagens podem ser divididas em seis classificações: Hamas, Israel, civis israelenses, civis palestinos, civis dos dois lados do conflito e o Conselho de segurança da ONU. Dessa forma, podemos observar a maioria das pautas sendo de civis israelenses, com sete matérias, seguido por pautas palestinas com cinco, Israel e Hamas e civis dos dois lados com três cada, e uma referente à ONU.

4.2 Fontes de informação

Elemento essencial para qualquer material jornalístico, as fontes de informação trazidas aqui moldaram cada reportagem e foram importantes figuras para embasar as narrativas contadas pelos repórteres. Foram utilizadas fontes de naturezas oficiais, não-oficiais, oficiosas, testemunhais, especializadas, internacionais, locais, primárias e secundárias. Além disso, foram avaliadas cada fonte como em *off* ou em *on*, dependendo se a informação vier acompanhada do nome da pessoa responsável pela fala.

Para analisar melhor cada fonte utilizada nas reportagens de outubro de 2023, foram categorizadas entre Israel (governo e exército), Hamas, civis palestinos, civis israelenses e outros. Dessa forma, podemos analisar melhor o uso dessas fontes dentro das reportagens. Foi possível observar 53 fontes relacionadas ao governo de Israel, destas 41 são de caráter oficial, cinco fontes oficiosas, duas testemunhais, uma secundária relativa à imprensa israelense. A maioria das informações fornecidas pelas fontes não são propriamente responsabilizadas, sendo apresentadas em *off* em 36 delas. Ao longo das reportagens, acompanhamos apontamentos do exército israelense até anúncios do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

O Hamas só foi responsável por nove fontes, todas sendo oficiais, mas somente uma foi em *on*, com a entrevista de um dos oficiais do Hamas, Ali Baraka, a uma empresa de telecomunicações russa.

Com o governo de Israel sendo separado dos civis israelenses para isolar o conflito armado dos civis, a maioria das fontes que categorizamos como israelenses são de natureza testemunhal, que correspondem a 41 das 44 fontes do total, e as outras três são de especialistas. A maioria das fontes estudadas foram escutadas em *on* (cinco delas são referidas somente pelo primeiro nome), e somente 11 delas foram em *off*. As fontes de civis israelenses prestam o serviço de visualizar os ataques nos kibutz e no festival Supernova, que ocorreram no dia 7 de outubro de 2023. Estas fontes consistem em pessoas que sobreviveram, registros durante os ataques e familiares preocupados com o desaparecimento de pessoas.

De acordo com o que foi observado, os civis palestinos, diferentemente dos civis israelenses, sofrem com a falta de representatividade de autoridades, já que parte das informações expostas sobre o estado da população advém do Hamas, de órgãos relacionados a ele, e da presidência da Autoridade Nacional da Palestina (que é classificada como fonte palestina). São apenas dez fontes de caráter oficial, em contrapartida às 28 fontes testemunhais e duas especializadas. Por meio de testemunhos em forma de vídeo, metade das fontes ouvidas para as reportagens foram tratadas somente pelo primeiro nome ou por nome nenhum (no caso, em *off*).

Em suma, as fontes classificadas como “outros” são de origem internacional, como autoridades que se manifestam sobre os ataques, especialistas convocados para discutir os aspectos do conflito e pessoas que tenham alguma relação com alguém ou com a comunidade que sofre pela tensão entre Israel e Palestina. Essa categoria contém a maior quantidade de fontes ao longo das matérias, sendo ao todo 60 fontes, que se distribuem em fontes oficiais (35), especializada (12), testemunhal (8), secundária (3), oficiosa (1) e não-oficial (1). As fontes foram transpostas às reportagens em sua maioria em *on*.

4.3 As fontes e a valência atribuída

As fontes utilizadas influenciam no que a reportagem transmite ao público, e cada fonte representa uma das versões do quebra-cabeça que o jornalismo busca montar. As fontes não apenas contribuem com dados ou depoimentos, elas ajudam a moldar o enquadramento da reportagem e o sentido que o público atribui ao que é veiculado. Como aponta Traquina (2005, p. 125), “as fontes de informação são poderosos agentes na definição do que é ou não notícia. Elas não apenas fornecem dados, mas influenciam decisivamente o enquadramento dos acontecimentos”.

Na cobertura analisada, observa-se uma clara predominância de fontes israelenses, tanto no campo oficial quanto no testemunhal. Autoridades do governo de Israel e representantes de suas forças armadas aparecem com frequência, ocupando espaços de destaque nas reportagens e sendo apresentados com valência predominantemente positiva ou neutra. Além disso, a narrativa israelense é frequentemente reforçada por fontes de governos aliados, como Estados Unidos, França, Reino Unido e Alemanha, que contribuem para consolidar a imagem de Israel como o lado legítimo ou mais afetado do conflito.

Em contrapartida, a cobertura praticamente silencia autoridades palestinas. Os raros dados fornecidos por órgãos palestinos, como o Ministério da Saúde de Gaza, são frequentemente acompanhados de ressalvas quanto à veracidade das informações. O uso destas fontes costuma ser condicionado ou relativizado, o que contribui para colocá-las sob suspeita, reforçando uma hierarquia de credibilidade entre os lados. É importante observar que, mesmo quando declarações do governo israelense são marcadamente políticas, não há o mesmo nível de ceticismo ou problematização por parte das reportagens.

A presença da ONU, citada em oito momentos diferentes, surge como tentativa de contrabalançar essa assimetria. A organização aparece principalmente para descrever a situação dos civis palestinos em Gaza, funcionando como uma fonte internacional legitimada. Ainda assim, seu uso não substitui a ausência de vozes palestinas diretas nem resolve o desequilíbrio da cobertura.

A pouca diversidade de fontes especializadas também chama atenção. Quando especialistas são acionados, são majoritariamente analistas internacionais situados fora da região de conflito, o que pode restringir a pluralidade de perspectivas. Há uma minoria de intelectuais palestinos que oferecem um olhar alternativo nas reportagens, mas, infelizmente, sofrem com o aspecto testemunhal, o que pode afetar a percepção como uma fonte confiável.

Entre as fontes testemunhais, o desequilíbrio é igualmente perceptível. Foram identificadas 41 fontes israelenses e 28 palestinas, sendo que aproximadamente 30% das testemunhas palestinas são apresentadas de forma despersonalizada, muitas vezes apenas pelo primeiro nome, em *off*, ou sem qualquer contextualização mais aprofundada. Já as fontes israelenses tendem a ser identificadas com nome completo, em situações de forte apelo emocional, como funerais ou reencontros familiares. Esse tipo de construção narrativa favorece a criação de empatia com um lado em detrimento do outro.

Como afirma Miguel e Biroli (2005), “o domínio da linguagem é, ao lado do acesso a indivíduos em cargos de decisão, um dos principais capitais de que os jornalistas dispõem. Ao reforçar a importância deste capital, a imprensa contribui para rejeitar as tentativas de ingresso, no debate público, daqueles que escapam das normas dominantes de produção do discurso”. Ainda que o *Fantástico* recorra a elementos como dados, gráficos e instituições multilaterais para simular equilíbrio, a forma como as fontes são mobilizadas revela um viés que se repete ao longo das reportagens.

A valência atribuída às fontes ajuda a evidenciar esse viés. Fontes israelenses são, em geral, apresentadas de forma favorável ou neutra, sem questionamentos. Já fontes palestinas, quando aparecem, têm valência negativa, principalmente quando associadas ao Hamas, ou são esvaziadas de contexto, perdendo força e legitimidade. Esse desequilíbrio reforça uma hierarquia entre as vozes autorizadas a falar sobre o conflito, impactando diretamente a construção da imparcialidade jornalística.

4.4 Tempo para cada lado

O tempo utilizado nas matérias foi inicialmente setorizado entre: Israel (governo e exército), Hamas, civis israelenses, civis palestinos e neutro. Quando observamos o tempo estipulado pelas reportagens para retratar cada lado de um conflito, é possível constatar a dificuldade em definir uma divisão clara do que seria a apresentação de uma perspectiva ou percepção de um grupo sobre o outro. A maior complexidade da pesquisa, em termos de categorização, foi compreender o que seria uma narrativa de Israel, uma percepção imparcial do repórter ou um posicionamento do grupo Hamas. Há muitas variáveis que podem enviesar o que é apresentado ao espectador, desde as fontes que são exibidas, as palavras utilizadas pelo repórter, até a trilha sonora escolhida para acompanhar aquela informação.

Conforme o observado em cada uma das 22 reportagens, a incidência do favorecimento no uso de tempo dá destaque aos civis israelenses e palestinos, que lideram em relação aos outros por sete matérias cada. Enquanto isso, o governo de Israel ganha visibilidade em cinco reportagens, o Hamas em somente duas e uma matéria é considerada neutra.

Ao somar todos os tempos utilizados nas reportagens, percebemos uma propensão aos civis israelenses, que possuem 55 minutos e 29 segundos de destaque, seguido pelos civis palestinos com 49 minutos. Em seguida, Israel têm 27 minutos e 38 segundos, o Hamas com 17 minutos e 28 segundos e o posicionamento neutro com cinco minutos e 11 segundos.

Considerando tudo que é discutido, o tempo para cada lado nas reportagens é um bom norte para mapear parcialidade, mas é necessário mais aprofundamento para compreender por completo quanto tempo realmente é dedicado para apresentar cada perspectiva.

4.5 Passagem do repórter

As passagens dos repórteres constituem um ponto central na análise da imparcialidade jornalística, especialmente em coberturas de conflitos armados. Em programas televisivos como o *Fantástico*, esse recurso vai além de uma simples transição

narrativa: ele representa uma construção discursiva significativa, na qual o jornalista, ao se posicionar fisicamente ou simbolicamente dentro do campo de acontecimentos, interfere diretamente na forma como os fatos são apresentados ao público.

Das 22 reportagens analisadas nesta pesquisa, 19 apresentaram pelo menos uma passagem de repórter. Em três delas, esse recurso não foi utilizado. Com base na categorização estabelecida, consideraram-se como passagens parciais aquelas que contêm termos pejorativos ou de forte carga valorativa, tais como “terrorista”, “massacre”, “barbárie”, “inocentes”, ou que constroem uma narrativa de vitimização voltada exclusivamente a um dos lados do conflito, sem apresentar o contraponto necessário.

Passagens com sutil parcialidade foram identificadas quando o tom se apresentava aparentemente neutro, mas a estrutura narrativa, os enquadramentos simbólicos ou as omissões indicavam inclinação ideológica. Por fim, as passagens imparciais foram aquelas que se mantiveram no campo descritivo, informativo e contextualizado, sem atribuições valorativas ou escolhas assimétricas.

Dentre as 19 reportagens com passagens, 11 foram classificadas como parciais, sendo três com parcialidade sutil, e outras oito foram consideradas imparciais. A análise também identificou que, em pelo menos seis ocasiões, as passagens favorecem explicitamente o governo de Israel, enquanto em outras cinco há uma valorização do sofrimento de civis israelenses. Em contrapartida, civis palestinos são apresentados sob perspectiva empática em apenas duas passagens, o que reforça um desequilíbrio na representação do conflito.

Alguns exemplos são particularmente ilustrativos. A repórter Paola de Orte, com presença frequente na cobertura, protagoniza passagens que enfatizam a solidariedade aos soldados israelenses, o medo da população local e os destroços causados pelos ataques do Hamas, como na reportagem exibida em 08 de outubro de 2023. No entanto, as matérias em que ela participa raramente apresentam um contraponto com as consequências dos bombardeios israelenses em Gaza. Ao mostrar, por exemplo, um centro de doações destinado aos soldados “lá no sul”, enquanto alerta sobre possíveis ataques do Hamas, a

repórter reforça um enquadramento que centraliza a ameaça palestina e humaniza a resistência israelense, tornando invisíveis os danos provocados pelo próprio exército de Israel.

Em sentido oposto, repórteres como Álvaro Pereira Júnior e Júlia Zaremba apresentam passagens com tom mais equilibrado. Álvaro, por exemplo, ao localizar hospitais e pontos estratégicos na Faixa de Gaza, oferece contexto territorial e destaca o impacto do esvaziamento das áreas hospitalares pela ofensiva israelense, sem recorrer a juízos morais ou simplificações narrativas. Júlia, por sua vez, ao abordar a angústia de brasileiros na Faixa de Gaza, constrói uma narrativa que inclui os civis palestinos como sujeitos da guerra, e não apenas como números ou pano de fundo da ofensiva israelense.

A recorrência do termo “terrorista” nas passagens parciais, muitas vezes apresentado sem aspas ou atribuição explícita a fontes, demonstra como certos enunciados são naturalizados na cobertura. O uso do termo como dado de realidade, e não como classificação política em disputa, revela uma opção editorial e ideológica que interfere na pretensão de neutralidade. Como destaca Miguel e Biroli (2005), “O conceito de perspectiva é proposto como contraponto adequado à noção de imparcialidade justamente por explicitar que qualquer discurso, inclusive o midiático, é um discurso situado e marcado por uma rede complexa de relações”.

Com isso, evidencia-se que o uso das passagens pelos repórteres está longe de ser um detalhe técnico ou apenas estilístico. Ele revela escolhas editoriais que interferem diretamente na imparcialidade do material jornalístico. Como aponta Gomis (1991), “Como operador semântico, o jornalista é obrigado a manipular linguisticamente a realidade bruta para criar uma mensagem apropriada por meio de codificação precisa.” (Gomis, 1991, p. 37). Assim, mesmo em matérias que apresentam fontes dos dois lados do conflito, as falas dos repórteres podem configurar desequilíbrios na construção da narrativa jornalística.

4.6 Imagens impactantes

As imagens impactantes desempenham papel estratégico na construção da narrativa audiovisual, especialmente em coberturas jornalísticas de conflitos armados, pois traduzem simbolicamente o que palavras nem sempre conseguem comunicar. No caso das reportagens analisadas do *Fantástico* sobre o conflito entre Israel e Hamas, foi possível identificar um uso recorrente de imagens carregadas de apelo emocional e simbólico, com forte presença de cenas de violência, dor e destruição.

A categorização adotada nesta pesquisa separou as imagens em cinco grupos: sofrimento humano (ex: pessoas feridas, chorando, em fuga), escombros e destruição material (ruínas de casas, prédios destruídos), explosões e confrontos armados, intervenção militar (tanques, soldados, checkpoints) e funerais e rituais de luto (enterros, orações, gestos de despedida).

Ao analisar o conteúdo visual das 22 reportagens com passagens, observa-se uma disparidade significativa no enquadramento dos diferentes lados do conflito. O governo de Israel aparece associado a imagens impactantes em 20 reportagens, número superior ao de civis palestinos, que aparecem em 15 matérias, de civis israelenses, presentes em 14 reportagens, e do Hamas, também com 14 ocorrências. A predominância da presença de Israel nas imagens é um indicativo do favorecimento visual dado ao Estado, em especial quando se observa a forma como ele é representado.

Na maioria dos casos, as imagens de Israel se enquadram na categoria intervenção militar, com tanques em movimento, soldados patrulhando áreas urbanas e mísseis sendo lançados, o que sugere uma atuação organizada e institucionalizada da força. Esse tipo de imagem colabora para o reforço de uma narrativa de poder e de controle legítimo do território e da guerra, ainda que represente uma face da violência.

Já o Hamas aparece também em 14 reportagens, mas quase sempre associado a explosões e confrontos armados, reforçando uma estética visual da barbárie, da destruição repentina e do caos. Em contraste com o poderio organizado atribuído a Israel, o grupo é enquadrado com um viés mais ameaçador e descontrolado, mesmo quando a natureza das ações (como o uso de armamento pesado) é equivalente.

As imagens de civis palestinos aparecem principalmente vinculadas ao sofrimento humano e à destruição material, comunicando o impacto do conflito sobre a população da Faixa de Gaza. Já os civis israelenses são retratados com frequência em funerais e rituais de luto, destacando a dor das perdas, geralmente com maior personalização e identificação.

A análise das imagens revela que a parcialidade pode ser construída não apenas pelas falas e fontes selecionadas, mas também pelo modo como os diferentes lados são visualmente representados. Essa assimetria revela que as imagens não apenas acompanham o texto narrado, mas atuam como elementos centrais na construção do discurso jornalístico. Como explica Robert Entman (1993, p. 52), “Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de modo a promover uma definição de problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento”.

5 Considerações finais

A presente pesquisa buscou analisar o compromisso com a imparcialidade na cobertura jornalística do programa *Fantástico* durante o mês de outubro de 2023, em meio à escalada do conflito entre Israel e Hamas. A partir de categorias como fontes, valência, passagens dos repórteres e imagens impactantes, foi possível observar elementos que indicam um desequilíbrio na narrativa construída ao longo das reportagens.

Um dos principais achados diz respeito à prevalência de fontes vinculadas ao governo israelense e seus aliados ocidentais, conferindo menor espaço e menor credibilidade às fontes palestinas. Tal assimetria impacta diretamente a percepção do público sobre o conflito, reforçando a centralidade da dor israelense e marginalizando o sofrimento da população palestina. A análise das imagens corrobora essa tendência: Israel aparece em mais reportagens e geralmente representado por imagens de intervenção militar, ligadas a um aparato de poder e controle. Já o Hamas, por outro lado, é associado à barbárie e à violência extrema, enquanto os civis palestinos são comumente retratados em cenários de sofrimento e devastação, sem o mesmo grau de personalização ou empatia que se observa com civis israelenses.

Importante destacar que o recorte metodológico, que limitou a análise a reportagens com, no mínimo, cinco minutos de duração, teve impacto nos resultados. Embora o objetivo tenha sido garantir a análise de conteúdos mais aprofundados, essa delimitação pode ter deixado de fora reportagens mais curtas que também poderiam contribuir para entender o grau de imparcialidade ou parcialidade do jornalismo praticado pelo programa. Ainda assim, os dados coletados revelam a complexidade envolvida nesse tipo de análise e apontam para a necessidade de abordagens multidimensionais.

A cobertura de conflitos internacionais é, por natureza, um campo sensível e de difícil acesso, especialmente quando a integridade física dos jornalistas está em risco. A localização dos correspondentes, muitas vezes em áreas controladas por Israel ou em cidades ocidentais, influencia diretamente na disponibilidade e diversidade de fontes.

Essa condição geopolítica limita o contato direto com palestinos ou representantes do Hamas, o que colabora para o predomínio de determinadas narrativas.

Outro aspecto relevante refere-se ao uso recorrente do termo “terrorista” para se referir ao Hamas. Tal escolha não é neutra, mas sim uma decisão editorial que carrega implicações semânticas e ideológicas. A normalização do termo, sem discussão sobre sua complexidade e múltiplas interpretações, contribui para reforçar uma visão binária e maniqueísta do conflito, algo problemático do ponto de vista da ética jornalística.

Ao longo do trabalho, foi possível perceber que determinar a imparcialidade de uma reportagem exige mais do que identificar posicionamentos diretos: trata-se de um processo interpretativo que requer olhar atento a diversos elementos narrativos, visuais e simbólicos. A parcialidade pode estar tanto na escolha das palavras quanto no enquadramento das imagens, no uso de BG e efeitos sonoros, na seleção das fontes ou mesmo no tom de voz dos repórteres. Essa multiplicidade de fatores torna a análise desafiadora, mas também revela a importância de estudos que se dedicam a desvelar os mecanismos de produção da notícia.

A análise realizada evidencia que, mesmo em coberturas consideradas profissionais e bem estruturadas, como é o caso do *Fantástico*, há elementos que comprometem a isenção jornalística. Ainda que nem todas as reportagens sejam explicitamente parciais, o conjunto da obra aponta para um desequilíbrio na representação dos lados em conflito, o que merece atenção crítica por parte da academia, da imprensa e do público.

REFERÊNCIAS

ASI, Yara; MILLS, David; GREENOUGH, P. Gregg. et al. 'Nowhere and no one is safe': spatial analysis of damage to critical civilian infrastructure in the Gaza Strip during the first phase of the Israeli military campaign, 7 October to 22 November 2023. *Conflict & Health*. 4/2/2024, Vol. 18 Issue 1, p1-13. 13p. Disponível em: <<https://eds.p.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=5ef4e6f3-4f84-45b3-bae6-20d294b227fb%40redis&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtbGl2ZQ%3d%3d#AN=176609908&db=asn>>.

AUDEH, Ida. Israel's Achievements in Gaza: Making Gaza Unliveable. *Washington Report on Middle East Affairs*. May 2024, Vol. 43 Issue 3, p14-16. 3p. Disponível em: <<https://web.p.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=0&sid=a6e4485a-7d86-4bf7-840d-4c79e97c741a%40redis&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=asn&AN=176776815>>.

BALDIN, Vitoria Paschoal - ECA; RAMOS, Daniela Osvald - ECA . Reflexões sobre as relações entre mídia noticiosa e conflito permanente entre palestinos e israelenses. *Comunicação & Informação*, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/003169187>>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENETTI M; FONSECA, V. (orgs.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. V. 1. Florianópolis: Insular, 2010.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. Contexto, 2005.

CARVALHO, Élvio da Silva. *Jornalismo de guerra: O caso da imprensa portuguesa*. Universidade da Beira Interior, 2013.

COUTINHO, Manuel. *Jornalismo de Guerra no Médio Oriente*. ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, 2021.

ENTMAN, R. M. (1993). "Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm." *Journal of Communication*, 43(4). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/209409849_Framing_Toward_Clarification_of_A_Fractured_Paradigm>.

FILIU, Jean-Pierre. *Gaza, A History*. Oxford University Press, 2017.

FINKELSTEIN, N. *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina* Rio de Janeiro: Record, 2005.

GUTERMAN, Marcos. *Holocausto e Memória*. Contexto, 2020.

GOMIS, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente*. Barcelona: Paidós, 1991.

HUBERMAN, Bruno, *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. PUC-SP, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9082f260-6966-4f27-ac1c-4ff48758c7ea/content>>.

INHETVEEN, K. "Because we are refugees": utilizing a legal label. *New Issues in Refugee Research*, n. 130, 2006. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/4538eaaa2.html>>. Acesso em: 27 set. 2015.

KHALIDI, Rashid. *Hundred Years' War on Palestine*. Metropolitan Books, 2020.

MATAR, D. & HARB, Z. (eds.). *Narrating conflict in the Middle East: discourse, image and communications practices in Lebanon and Palestine*. London: I B Tauris, 2013.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda: o processo de produção da notícia: da apuração à edição*. São Paulo: Ática, 1986.

MENDES, André Melo; FERREIRA, Juliana. A formação da identidade de judeus e palestinos nos meios de comunicação: como se deu cobertura da Invasão da Faixa de Gaza em 2014 pelas principais revistas brasileiras. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 13(25), 2–19, (2019). Disponível em: <<https://doi.org/10.17851/1982-3053.13.25.2-19>>.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 81-99, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/7mM4dBPXgZMy8zbbVYYB3MN/>.

MORAES, D. *A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009. v. 1. 272p . Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/793/1435>>.

NATALI, J. B. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação do Fantástico: um programa de jornalismo de revista semanal na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 1985.

ORWELL, George. *Literatura e política: jornalismo em tempos de guerra*. Zahar, 2003.

SILVA, G., KÜNSCH, D., BERGER, C. e ALBUQUERQUE, A. (orgs.). *Jornalismo contemporâneo - figurações, impasses e perspectivas*. Salvador: Edufba, 2011/a, p. 119-138.

RESENDE, Fernando Antônio; ROSSIGNOLI, Letícia. O conflito Israel/Palestina como acontecimento jornalístico: análises de narrativas do jornal Folha da Manhã(1936/1946). São Paulo. Galáxia, 2015. <<https://www.scielo.br/j/gal/a/SxxKbMLPjKKzDhS5tHkdLQy/?lang=pt#>>.

SAID, E. A questão da Palestina São Paulo: Unesp, 2011.

SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. PUC-SP, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40043>>.

SCHWARTZ, Adi; WILF, Einat. A guerra do retorno: como resolver o problema dos refugiados e estabelecer a paz entre palestinos e israelenses. Contexto, 2021.

SODRÉ, N. W. História da Imprensa no Brasil São Paulo: Mauad, 1999.

STELLMAN, Henry. O que é antissionismo? (e é uma forma de antissemitismo?). Contexto, 2022.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo - Volume I - Porque as notícias são como são. Insular, 2005. In:

VISACRO, Alessandro. A guerra na era da informação. Contexto, 2018.

WOLF, Mauro. Teorias das comunicações de massa.

WMF Martins Fontes - POD, 2012.